

VESTUÁRIO IMODESTO / NUDEZ

Orientações iniciais para o líder:

Oração de Abertura:

- Separe sua Célula em microgrupos de até 3 pessoas e orem em agradecimento e louvor a Deus, confessando erros e pecados e intercedendo por 3 amigos que não conhecem Jesus.
- Os visitantes podem acompanhar os participantes que os convidaram, ou, se forem indicações da igreja, podem participar em qualquer microgrupo.

Nota para o líder: este é um tema sensível e pessoal. Conduzam com graça, sem apontar dedos a ninguém no grupo, e mantenham a discussão focada em princípios bíblicos e no exame do próprio coração, não na avaliação da roupa dos outros.

INTRODUÇÃO

“Os olhos dos dois se abriram, e perceberam que estavam nus; então juntaram folhas de figueira para cobrir-se.”

Gênesis 3:7

A roupa, tal como a conhecemos, nasce por causa do pecado. No princípio, Adão e Eva estavam nus e não sentiam vergonha alguma (Gênesis 2:25). Foi apenas depois da Queda que a nudez se tornou motivo de vergonha, e que a necessidade de se cobrir surgiu. Isto ensina-nos algo importante: a forma como nos vestimos não é um assunto neutro ou meramente cultural, está ligada, desde o início da Escritura, à forma como lidamos com o pecado e a vergonha.

Hoje vivemos numa cultura que, em muitos aspectos, empurra-nos de volta para aquilo que já não deveríamos sentir como natural, expor o corpo sem qualquer desconforto. Não se trata de condenar ninguém, nem de sermos legalistas ou de julgar as roupas dos outros, mas de reflectirmos com sinceridade sobre o que a Palavra de Deus nos ensina acerca deste tema, tanto para homens como para mulheres.

1. DEUS, O ESTILISTA: DE ADÃO E EVA ÀS VESTES SACERDOTAIS

“O Senhor Deus fez roupas de pele e com elas vestiu Adão e sua mulher.”

Gênesis 3:21

Depois da Queda, Adão e Eva tentaram cobrir-se com folhas de figueira, mas mesmo assim continuaram a sentir-se nus diante de Deus. Foi o próprio Senhor quem, por fim, os vestiu com roupas apropriadas. Este gesto não é um detalhe sem importância: ao longo de toda a Escritura, desde as vestes dos sacerdotes no Antigo Testamento até às vestes brancas prometidas aos santos no livro do Apocalipse, Deus mostra um cuidado consistente com a forma como o Seu povo se cobre.

É significativo que a Escritura seja específica sobre quais partes do corpo devem permanecer cobertas. Deus instrui que os sacerdotes usassem calções por baixo das vestes para cobrir “desde a cintura até às coxas” (Êxodo 28:42), e chega a ordenar que o altar não fosse muito alto, para que as pernas do sacerdote não fossem vistas por baixo, mesmo estando ele vestido com uma túnica longa (Êxodo 20:26). A região do busto, por sua vez, é tratada na Escritura como uma zona claramente ligada ao contexto conjugal e sexual (Provérbios 5:19; Ezequiel 23:2-3). Isto não é legalismo, é o Criador a mostrar-nos, com uma clareza que hoje evitamos ter, que Se importa com este aspecto da nossa vida.

- O que achas sobre a ideia de que Deus, desde o princípio, mostra cuidado específico sobre quais partes do corpo devem permanecer cobertas?
- Achas que, no teu dia a dia (praia, piscina, ginásio, redes sociais), tratas certas roupas como “neutras” só porque o contexto parece justificar, quando talvez não sejam?

2. MODÉSTIA: UMA QUESTÃO DE CORAÇÃO, NÃO SÓ DE ROUPA

“Que as mulheres, em traje decente, se ataviem com modéstia e bom senso... porém com boas obras.”

1 Timóteo 2:9-10

Paulo e Pedro escrevem sobre modéstia no vestir num contexto cultural muito específico, dialogando com padrões de vaidade e ostentação comuns na sua época. O ponto central de ambos não é apenas uma lista de proibições, mas um chamado a cuidar do coração com o mesmo empenho que dedicamos à aparência: “seja o homem interior do coração... o de grande valor diante de Deus” (1 Pedro 3:3-4).

É importante perceber que este é um tema para homens e mulheres, e que a igreja muitas vezes fala mais de um lado do que do outro. Em relação às mulheres, o desafio aparece com mais frequência em roupas que expõem excessivamente a zona do busto, roupas muito justas que acentuam o corpo, ou peças de banho que, comparadas ao padrão bíblico de cobrir desde a cintura até às coxas, deixam pouquíssima cobertura.

Mas os homens não estão isentos desta luta, e nem sempre falamos sobre isso com a mesma clareza. Há hoje um padrão cada vez mais comum de homens que usam roupa extremamente justa, tanto em cima como em baixo, calças, calções ou camisas coladas ao corpo, propositadamente escolhidas para desenhar e destacar a forma física, com o objectivo claro de atrair a atenção e a admiração das mulheres à sua volta. Isto é tão imodesto quanto a exposição feminina de que falamos com mais frequência, apenas se manifesta de outra forma: não pela pele à mostra, mas pelo contorno do corpo propositadamente acentuado. Em ambos os casos, homens e mulheres, o problema central é o mesmo: usar a roupa para chamar a atenção sexual para o próprio corpo, em vez de vestir com discrição e domínio próprio.

É possível, ainda assim, vestir-se de forma coberta e ter um coração imodesto, orgulhoso ou sensual; assim como é possível examinar o próprio coração e perceber que a preocupação com a roupa, para muitos de nós, tem mais a ver com aparecer ou ser desejado(a) do que com uma consciência genuína diante de Deus.

- Há algum tipo específico de roupa (decotes, roupa justa, roupa curta, roupa de praia ou de ginásio) com que já sentiste, no fundo, que estavas mais a exhibir do que a vestir?
- Se és homem, já usaste roupa deliberadamente justa ou colada ao corpo (em cima e em baixo) com o objectivo de chamar a atenção ou admiração de mulheres?
- Achas que a igreja fala tanto sobre modéstia feminina quanto deveria falar sobre modéstia masculina? Porquê?
- Quando publicas fotos nas redes sociais, examinas se o objectivo é apenas registar um momento, ou se há também um desejo de seres admirado(a) pelo corpo?

3. ROUPAS DE BANHO: UM CASO ESPECÍFICO

A Escritura, como já vimos, é específica sobre a cobertura “desde a cintura até às coxas” (Êxodo 28:42) e trata o busto como uma região claramente ligada ao contexto conjugal (Provérbios 5:19; Ezequiel 23:2-3). Isto tem uma aplicação directa e incómoda para a maioria de nós: o biquíni, também conhecido em Moçambique como fato de banho de duas peças, tal como é normalmente desenhado, cobre exactamente o oposto do que a Escritura pede, deixa descoberto o abdómen e as coxas, e expõe a zona do busto de forma mínima. Um fato de banho inteiro, ou um modelo que cubra mais o tronco e a parte de cima das pernas, aproxima-se muito mais do padrão bíblico do que o biquíni convencional.

Vale a pena conhecer a origem desta peça de roupa. O biquíni, como o conhecemos hoje, foi criado em 1946 por um engenheiro francês chamado Louis Réard, e a peça era tão ousada para a época que nenhuma modelo profissional aceitou usá-la em público.

Quem acabou por apresentá-la ao mundo, numa piscina em Paris, foi Micheline Bernardini, uma dançarina de cabaré, precisamente por ser uma das poucas dispostas a expor o corpo daquela forma. O próprio nome “biquíni” foi escolhido em referência ao Atol de Bikini, local onde os Estados Unidos tinham acabado de testar bombas nucleares, na expectativa de que a peça causasse um impacto social igualmente “explosivo”. Vale reflectir: uma peça de roupa criada deliberadamente para chocar, e que nem sequer as modelos da época quiseram vestir por ser demasiado exposta, tornou-se hoje a opção “normal” e generalizada, inclusive entre cristãos, sem que a maioria de nós alguma vez tenha parado para pensar nessa origem.

Existe hoje uma ideia bastante generalizada, mesmo entre cristãos, de que a proximidade da água muda as regras: que basta estarmos perto do mar, da piscina ou do rio para que ficar quase despido deixe de ser um problema, como se o contexto “aquático” tornasse neutro aquilo que, em qualquer outro lugar, reconheceríamos como exposição excessiva do corpo. Mas a Escritura não estabelece uma excepção para a praia ou a piscina, os mesmos princípios de modéstia continuam a aplicar-se, mesmo quando a cultura à nossa volta sugere o contrário.

Isto não significa que ir à praia ou à piscina seja errado, nem que exista uma “roupa de banho perfeita” que resolva tudo sozinha, a questão da modéstia, como já vimos, é também do coração. Mas significa que vale a pena examinar com honestidade as escolhas concretas que fazemos nestes contextos, para homens e para mulheres, em vez de tratarmos a praia ou a piscina como um espaço onde as regras habituais da modéstia deixam de se aplicar.

- Sabendo agora a origem do biquíni, isso muda a forma como pensas sobre esta peça de roupa?
- Já trataste a proximidade da água como uma “licença” para expor mais o corpo do que costumarias noutro contexto?
- Se és homem, como reages especificamente num ambiente de praia ou piscina? Já reparaste que esse é, provavelmente, o contexto em que mais precisas de vigiar os teus próprios olhos?

4. A MODÉSTIA VAI MUITO ALÉM DA ROUPA

“Não se vistam de forma imodesta... mas ataviem-se com boas obras.”

1 Timóteo 2:9-10 (adaptado)

Há um erro perigoso escondido em tudo o que já dissemos até aqui: pensar que resolvemos o problema da modéstia assim que ajustamos o guarda-roupa. Não

resolvemos. Podes cobrir cada centímetro do teu corpo, dos pés à cabeça, e ainda assim seres um perito na arte da sedução, através do olhar demorado, do tom de voz calculado, da forma como andas, da conversa que puxas de propósito para deixar o outro desconfortável. Isaías descreve exactamente isto: mulheres cobertas, mas de “pescoço erguido, lançando olhares impudentes”, caminhando de forma insinuante (Isaías 3:16). A roupa, por si só, nunca foi a linha de defesa. O coração é.

E há um erro igualmente perigoso do lado oposto: usar a roupa dos outros como régua da tua própria santidade. Julgar quem chega à igreja de saia curta, olhar de lado, sentir-se “mais espiritual” por vestir mídi e gola fechada, isso não é discernimento, é o mesmo espírito do fariseu que julgava por fora enquanto o interior apodrecia. Paulo escreveu sobre modéstia e, no mesmo fôlego apostólico, escreveu contra regras externas que têm “aparência de sabedoria” mas “nenhum valor contra a sensualidade” (Colossenses 2:20-23). Se transformas a roupa de outra pessoa no teu termómetro espiritual, criaste um ídolo novo, disfarçado de virtude.

Por isso, a pergunta desta secção não é “o que estás a vestir”, é: o que o teu coração está a fazer com o que vestes, ou com o que vês? Estás a esconder sensualidade debaixo de roupa fechada? Estás a esconder orgulho e julgamento debaixo de “eu, pelo menos, visto-me bem”? Nenhuma das duas coisas se resolve com mais pano.

- Já usaste a roupa (a tua, coberta, ou a de outra pessoa, exposta) para te sentires espiritualmente superior?
- Onde é que a tua sedução, ou a tua tentação, realmente mora: na roupa, ou no olhar, no tom de voz, na conversa?
- És capaz de examinar o teu próprio coração aqui sem fugir para o julgamento da roupa alheia?

5. O CUIDADO COM O OUTRO

“Ai daquele por meio de quem vêm os tropeços!”

Mateus 18:7

A Escritura chama-nos a não sermos motivo de tropeço para o próximo. Isto significa que, ao decidirmos como nos vestimos, não pensamos apenas em nós mesmos e no nosso próprio gosto ou conforto, mas também no efeito que isso pode ter sobre quem nos rodeia, um acto de amor e consideração pelo irmão ou irmã que caminha connosco na fé. Paulo lembra, em 1 Timóteo 2:9, que a modéstia e a discrição no vestir são um sinal de maturidade cristã, e não apenas uma questão de moda ou cultura.

Ao mesmo tempo, esta responsabilidade é partilhada. A Escritura é clara que quem olha com cobiça é totalmente responsável pelo seu próprio pecado (Mateus 5:28). Provérbios ensina que “o inferno e a perdição nunca se fartam, e os olhos do homem nunca se satisfazem” (Provérbios 27:20): um único olhar demorado nunca sacia, apenas abre o apetite para mais. Por isso, cabe também aos homens, de forma especial, vigiarem os seus próprios olhos e pensamentos, sem colocarem sobre a mulher a responsabilidade total pelo seu próprio pecado. O chamado aqui é a uma responsabilidade mútua: cuidarmos, com amor, de como nos apresentamos aos outros, e cuidarmos, com igual seriedade, dos nossos próprios pensamentos e olhares.

- Já pensaste na forma como te vestes como um possível acto de amor (ou desamor) pelos irmãos à tua volta?
- Se és homem, como tens lidado com a tentação do “olhar demorado”? Já reparaste que ele nunca satisfaz, apenas alimenta o desejo por mais?
- Como podes, sem cair no legalismo ou no julgamento severo, cuidar tanto da tua própria modéstia como da pureza dos teus pensamentos em relação aos outros?

CONCLUSÃO: VESTIR-SE DE CRISTO

“Revistam-se do Senhor Jesus Cristo, e não fiquem premeditando como satisfazer os desejos da carne.”

Romanos 13:14

No fim das contas, este tema não se resume a uma lista de roupas permitidas ou proibidas, mas a uma pergunta mais profunda: será que já nos revestimos de Cristo? A cultura à nossa volta insiste que só somos valiosos, bonitos ou aceites se exibirmos o corpo o suficiente. Mas o convite do evangelho é diferente: encontrarmos o nosso valor e a nossa identidade em Cristo, e deixarmos que isso, com naturalidade e sem legalismo, transforme também a forma como nos apresentamos ao mundo.

Jesus, que foi exposto e humilhado na cruz, fê-lo para que pudéssemos ser vestidos por Deus, tanto exterior como interiormente. Que a nossa forma de vestir, seja ela qual for, reflecta um coração já revestido da humildade, pureza e dignidade de Cristo.

TPC DA SEMANA:

Esta semana, reserva um momento em oração para examinar com sinceridade o teu coração nesta área, sem te compares com os outros nem julgues as escolhas alheias. Depois, vai ao teu guarda-roupa ou mala de roupa e identifica, com honestidade diante de Deus, se há alguma peça que sabes, no fundo, que não O glorifica, por ser demasiado justa, curta, decotada ou reveladora. Se identificares alguma peça assim,

considera desfazer-te dela esta semana. Pede também a Deus discernimento para lidar com este tema com graça e sem legalismo. Vem preparado para partilhar na célula da próxima semana o que Deus te mostrou.